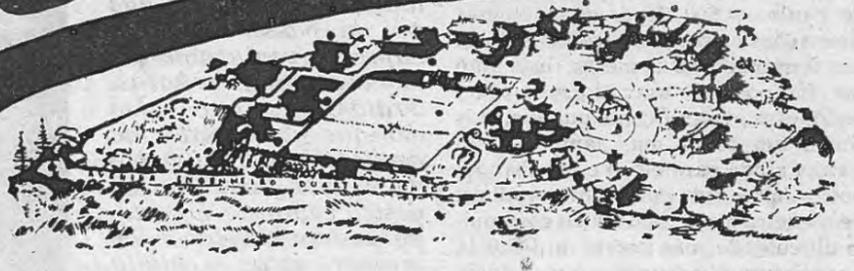




Galicato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 156
PREÇO 1\$00

A Procissão

HOJE a procissão passa aqui, por causa das vistas e para que todos vejam melhor os seminaristas do Seminário Maior da Guarda:

Temos notado que afinal a Obra da Rua é sob algum aspecto, um calix nacional, receptor de sacrifícios e sangue. Temos notado. Por aí anda o Evangelho a nú, sem as interpretações burguesas de exegetas calculistas. Sim! Os factos quem quer os sabe. E' ler, é meditar o «Famoso». Por osmose, ele comunica a seiva que o fecunda. A quem atentar bem, não parecerá que se trate apenas das qualidades invulgares de um «padre ou da simpatia irradiante de uma obra estravagante. E' isto, sim, mas é também e acima de tudo o que a tantos falta. Está aí o Evangelho a nú. E' este todo o segredo de atracção, afinal, a realização da Profecia: «Quando for levantado atrairei todos a mim!»...

Sim, é o Senhor. Pois como explicar, como?!—Chegam comunistas e dão; pecadores e choram, pobres e deixam; descrentes e creem; cépticos e acreditam! Mas que «sôro da verdade» aí haverá para que todos se tomem de um mesmo sentimento?! Que forças hipnóticas terá o «Famoso»?! E' escusado procurar. Cristo está lá. Estamos certos de que V. concorda connosco.

Ora, é então por isso que nós vimos enfileirar. Se fosse obra parasitária, nós não falávamos. Nós não temos. Mas porque se trata de deitar gotas de sangue num calix receptor de migalhas, daí o ânimo. Cada um de nós deu daquilo que lhe fazia falta para que a oferta tivesse a marca das que aí vão chegando. E' o óhulo da viuva que passa!

Muito bem. Muito bem. Muito bem.

São padres que falam. São bispos; eles saem da massa dos seminários.

O Papa reinante, saiu de um seminário e se tivesse conhecimento da Obra da Rua, falaria dela assim. Esta carta é a voz clara e firme da Igreja por isso a coloco no primeiro lugar.

Nem os Padres da Rua, nem a Obra da Rua, nem nada. E' o Evangelho a nú,—mais as minhas fraquezas!

POBRES

Eu tinha destinado aquele dia aos Pobres, tendo de vespera deixado tudo em ordem, para de tudo me desembaraçar; era uma consagração. A manhã apareceu branca de neve. Celebrei. Pedi aos cozinheiros que me servissem o café, o que eu mais gosto de manhã, como acontece à Doente do Barredo; e esperei pelo sol.

Enquanto espero, eis que vejo alguém avenida acima. Era a do feixe de lenha. Vinha muito triste, quase a chorar, e comunicava-me a sua desgraça: *morren-me o bacorinho!* Leva à cara o avental com que enxuga lágrimas e vai falando como se estivesse sózinha: *eu dei-lhe chá de laranja, fiz-lhe o ninho de palha e ele morreu!* Eu estava ao pé. Vi o desarranjo. Senti o prejuizo. E consolei-me por servir para alguma coisa; ter algum préstimo no

mundo: um Pobre a desabafar comigo! Se me não amasse, não me daria a sua grande aflicção. Senhor; a benção dos Pobres à hora da minha morte!

A geada começava a derreter ao calor do sol, como faz a graça do arrependimento aos nossos peccados. A do feixe de lenha, retirou-se e eu comecei a jornada. A primeira porta, foi a de uma casa de colmo; sabia-se aonde era a cozinha, pelo denegrado da palha. Abri o cancelo: cinza na lareira. Restos do caldo de ontem num púcaro de barro. A cantareira. A prateleira. Um gato no quente das cinzas. No trafogueiro há um cesto de maçarocas e a roca por espisar. O fumo aturado, dá às coisas ar antigo e um cheiro limpo. Demorei-me um bocadinho a

(Continua na 3.ª pág.)

AQUI, LISBOA!

Não tem conta o número de vezes, que a mão invisível dalgum anjo celeste, nos conduz na hora decisiva, ao antro escuro onde algum ser humano experimenta horas duras. Desta vez com o P.º Luís fomos repartir por irmãos já conhecidos, o óhulo duma senhora desconhecida, da Figueira da Foz. Quando entramos na senzala (é verdade—senzalas na capital) desenhava-se entre os seus habitantes, a ameaça da tempestade.

—Eh pá vamos ter tourada de graça! dizia para os companheiros, um dos garotos do bairro.

Não ligávamos importância ao barulho. Somos cumpridores da nossa piedosa missão. Um paralítico, já nosso conhecido, deixa rolar grossas lágrimas de gratidão, por um sobretudo que lhe deixamos na barraca.

—Não chores homem! dizia-lhe a vizinha

—E' que eu não podia descansar nada: quase morria de frio.

Entramos noutras barracas e topamos sempre o mesmo mal—Penúria. Lá fora o combate estava no auge. Tiroteios de língua com balas de palavra. Algumas já mostravam as blusas rasgadas. Iam a passar nessa altura. Da turba uma voz se levanta mais alto:

—Eh gente: vocês não vêm quem vai a passar? Há um momento de silêncio, que é cortado por outra voz dolorosa.

—Senhor venha a minha casa que tenho uma filha muito mal.

Pareceu-me ouvir a cananeia do Evangelho.

—Vá sim, acrescenta logo outra, é a esmola mais bem empregadinha do mundo. Lá fomos. quadro era mais triste do que supúnhamos: Um paralítico gemia em cima dum caixote e ao lado, uma rapariga tossia em cima duma enxerga.

As injecções que vão tomar ao Dispensário, nunca podem suprir as refeições, que se deixaram de tomar por não haver que comer.

Mal saímos do tugúrio, dobrados ao meio, porque a porta é reduzida, apareceu-nos um rapazinho a beijar a mão e apuxur-nos pelo braço com força:

—Venha ver também a minha mãe.

—Temos que ir embora, fica para outra vez.

—Venha, venha agora—insiste

ele—que a minha mãe está muito doente.

Guiados pelo Marinho, como lhe chamam os vizinhos, entramos quase de rastos, no covil, onde a mãe agonisa. Não acho na língua portuguesa, nome para tais vivendas.

A pobre quer falar, dar graças a Deus, contar a sua tragédia, mas não pode. Cada monossílabo é cortado por ofegante respiração. Mas o rapazinho ia esclarecendo: que ia às sopas ao quartel e disso viviam; que as senhoras da Conferência lhe davam 2\$50 por semana e que há tempos o Mário tinha ido contar ao Sr. Governador Civil a desgraça da sua mãe e que este lhe deu 40\$00. Tantas vezes ouço o nome do Sr. Governador na boca dos pobres, que bem me parece ser ele discípulo de Jesus.

Finalmente viemos a saber—era aqui que eu queria chegar—que toda a família tinha vindo da Pamplhosa da Serra, em busca de vida melhor, à capital, mas a sorte foi-lhes adversa e ali estavam os destroços da família desfeita.

Saimos para tomar ar cá fora, e apeteceu-me gritar ao mundo inteiro que ponha os olhos neste cenário.

Querida que os párocos, os professores, os médicos, as Autoridades locais, as Casas Regionais, a Imprensa, a Rádio, e o Governo, esclarecessem, pregassem, legislassem, insistissem oportuna e importunamente para que essa gente humilde e boa da Serra, não venha para Lisboa sem previamente terem a garantia de casa e colocação. Aláds, em vez de fortuna, virão encontrar o mais trágico infortúnio. Que saibam os chefes de família da sorte de outros chefes de família, que viram extinguir-se a esposa num tugúrio devorado pelo bacilo, as filhas no lupanar, os filhos a contarem com a Justiça e eles mesmos desaparecem com o remorso de aniquilarem o nome que receberam dos seus pais, num naufrágio total e infamante, próprio de todos os seus.

E quem nos não quiser dar crédito, que venha conosco, ao Barreiro, a Almada, a Alcântara, à Cascalheira, às Comendadeiras, Casal Ventoso, etc; etc. etc. aí verá com seus próprios olhos, gente de todos os cantos de Portugal, a viver não já como os habitantes da selva, mas abaixo ainda dos animais!

UMA CARTA

Envio a quantia de 50\$00, 10\$00 para os pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo e 40\$00 são as duas últimas prestações para a Tipografia, já devia ter terminado há 2 meses, mas não me foi possível tirar do meu ordenado, essa insignificante quantia, pois tenho um filho, mas também não ganha ainda para ele, e o pai abandonou o lar e vive com outra mulher, de maneira que tenho vivido com muita dificuldade, mas graças a Deus já pude tirar essa pequenina importância antes do fim do ano para assim andar com a minha consciência tranquila. E agora, só pedia a V. para pedir nas suas orações por aqueles que andam (como meu marido), extraviados do seu lar, para que neste Novo-Ano que vai entrar, eles voltem para o seio de sua família, para a proteger, e educar os seus filhos porque Deus não me tem faltado apesar de tudo, mas vivo muito desgostosa, devido à ausência de meu marido, e quem disseu, milhares de mulheres casadas vivem na mesma situação, devido a haver outras mulheres sem escrupulo, que apesar das nossas lágrimas, não querem saber, e só pensam em gozar a vida e gastar o dinheiro que nos pertence a nós e nossos filhos, porisso meu bom padre mais uma vez pedia que fizesse uma oração mesmo por essas mulheres para elas terem um rebate de consciência e mandar os maridos para suas esposas. Peço que me perdoe este meu desabafo meu padre e só desejava, que todos lessem o seu jornal para aprender as grandes verdades que lá se escrevem. Oxalá que por este ano que vai entrar, que é o Ano Santo, eu, e todas as mulheres e mães, saibam compreender os deveres sagrados, para que o Natal de 1950 seja melhor e haja em todos os lares a paz que Jesus pregou e quer dar aos homens de boa vontade. Terminei desejando-lhe muita saúde, e a todos os seus filhinhos, e que Deus lhe dê cada vez mais forças para continuar essa grande Obra, e a levar esses desprotegidos de sorte, a serem amanhã bons cidadãos.

Uma mãe.

Esta carta é um bocadinho dura e a matéria, muito escabrosa. Nem eu jamais a publicaria, se não fôsse o Ano Santo.

Como temos recebido cartas a pedir que exponha eu no famoso a doutrina do Ano Santo, ela aqui vai. Ningém prégaria melhor.

Esposa, mãe; mulher ferida no que há de mais íntimo e mais santo;—ela tem a eloquência dos mártires. Oxalá que eu e todas as mulheres e mães neste ano santo, saibam compreender os deveres sagrados...

E às mulheres vadias que a fazem verter lágrimas, a essas ela perdoa; faça nma oração mesmo por essas mulheres.

Eu tenho pena de não ir a Roma neste Ano de Jubileu. Que se alegrem comigo os que também não podem e todos façamos nosso aquele maravilhoso Oxalá desta Mãe cristã, tão elevada pelo sofrimento!

Que ninguém separe os que Deus junta. Nem forças interiores, nem forças exteriores, venham jamais separar os que um dia se juntaram no arco da igreja.

Esta verdade é tão cara, tão moça e tão delicada, que não sofre interferência de quem quer que seja; e os que tentam fazê-lo, morrem imediatamente para a vida! Não têm o dom de viver. É o medo; são os remorsos; é a ausência de Deus. O Inferno é assim.

Do que nós necessitamos

Mande a lata. Esta foi a palavra do chefe desta pequenina família, quando terminamos o almoço em um dia que por lá passei e tive a suprema ventura de me demorar algumas horas. Trata-se de um bidão de duzentos litros de azeite. Esta família pode e quer fazer ofertas deste volume. E, até, por amor desta e de muitas outras a muita gente, que a este pai de família não pode faltar o pão; e há-de vê-lo em abundância sobre a mesa dos seus netos. E da Escritura.

Mais uma jornada a Gondomar, pela mão de uma Comissão amiga que preparou o povo e as coisas e nós trouxemos de lá à beira de sete contos em dinheiro; e géneros nem se fala. Viva o povo de Gondomar. Outra vez envelopes misteriosos: E oito quilos de chouriços de Montemor-o-Novo. E mais 50\$00 do Porto. E o Dr. Zéquina como costumados 50\$00 escudos. E os filhos do Dr. Zequina quiseram dar 100\$00. E os alunos do Liceu Salazar de Lourenço Marques fizeram entre si uma subscrição e colheram 670\$00 escudos. Mais 100\$00 escudos do Porto. Mais 300 garrafas vazias da Fontela. Mais 500\$00 do Por-



to. Mais 100\$00 de Avintes. Mais uma peça de fazenda da Covilhã. Os nossos rapazes andam que nem fidalgos, por amor desta peça de pano azul. Sim senhor pode mandar o casaco de senhora. Mais cinco contos do Rio de Janeiro. Mais o peditório na Igreja dos Congregados, que passou um nadinha de nove contos; o ano passado, foi igual. Mesma eloquência do pregador. Mesma generosidade do auditório. Mais 100\$. Mais eu que ia de avião regalado, a 300 à hora, quando a Comissária de bordo me entrega uma carapuçada de notas, dos passageiros,—para a aldeia dos rapazes. Eu não conhecia nenhum. Eu não pedi a ninguém. Eu não esperava por nada.

A nossa Tipografia

E Nelas com vinte escudos. E Lisboa com sessenta escudos. E de Algures na marca. E um sacerdote de Lousada na marca. E Algures na marca. E Almeirim da mesma sorte. E o Porto; sendo cem escudos meus e cem de minha sogra que é para irem sogra e genro na procissão, muito contentes e satisfeitos. Só se fôr na procissão que tal aconteça... E meia dose de Viana do Castelo. E uma de Coimbra a valer por quatro. E a mesma quantia de uma amiga da obra. E promete mandar mais! E Coimbra com mil escudos; somos cinco; mais uma família na procissão. E o Porto na marca. E Coimbra na marca. E um médico do Hospital de Moçambique. Calha bem. Calha mesmo bem. Com tantos Moçambicanos que vão na fileira, bom é que também vá um médico de doenças tropicais. E Alcanena na marca. E Lisboa. E uma prestação de vinte de Coimbra. E Rio Tinto. E Coimbra com uma prestação de vinte. E um sub chefe que estranha não irem policiaes na procissão. Só se fôr como ornamento, porquanto a ordem está assegurada; levamos policiaes de trânsito. E meia dose de Lisboa. E Manteigas. E um sacerdote do seminário de Leiria. E meia dose de Palmela. E outra meia do Estoril. E Lisboa na marca. E Matosinhos. E algures na marca. E o Porto na marca. E uma mãe do Porto a pedir lugar para o seu filho. E o Porto. E de Lourenço Marques, uma subscrição feita na Avenida Miguel Bombarda a qual rendeu seiscentos escudos e mais um quarteirão. E duzentos, produto de uma pequena subscrição. Este dinheirinho foi

entregue ao Risonho. E o Porto na marca. E um pai que não quer perder os filhos. E o Porto a valer por dois. E meia dose de Lisboa. E Boticas na marca. E o Porto também. E o Porto. E uma mãe a valer por três, e muito contente por a procissão ir assim devagarinho, para tornar.

E os condenados de Alcoentre! Mas os senhores não se assustem. Se eles fossem numa escolta, algemados, seriam de temer. Aqui não. Aqui é uma procissão; os bons, fazem os bons e os maus, os maus. Eles juntaram-se, deram os seus nomes ao Director e com eles, a soma de 215 escudos! Muito perdoa Deus aos que assim amam!

Hoje remata a Olinda. Quando os amos chamarem pelo seu nome, fiquem sabendo que é alguém a responder. Próquê, vejam.

Eu me lembro como quando Padre Manuel último que isto de perfeita renda amdei um mez a trabalhar com muita alegria para os meus irmozinhos para a tipografia linte iseados sem para ter chonobole de dezer uma miça pelo almas das famílias dos qto hom na procissão eeu Tomlem certo ir. clama crie clade cerbir Olinda

Notícias de Coimbra

1 Como muitas coisas que têm dado no meu emprego, foi um envelope fechado, sem remetente nem endereço, entregue por uma mulherzinha, que parecia ser humilde; dizendo: entregue na Casa do Gaiato, e saiu pela porta do estabelecimento fora à noite fui para casa e entreguei ao Senhor Padre Manuel e este abriu-a e leu-a, ao mesmo tempo disse-nos que se não fosse a tintar ser um bocado fusca que lhe tirava uma fotografia... mas assim publicaria no nosso jornal, a carta tinha estes dizeres:

—Cem escudos para a tipografia e vinte para a casa do Cidral, é uma humilde costureira que quer ir na procissão.

—Que passos tão lindos, dados por uma pobre costureira, mas ao mesmo tempo rica. Estas são palavras que lhe saem da boca? não; são do coração.

2 No passado domingo dia quinze o nosso grupo teve o tempo de estrear as equipas em Miranda do Corvo, também à inauguração do campo desta última. Saimos daqui de manhã cedo e fomos na automotora que chegou a Miranda às nove e meia: chegamos lá todos bem graças a Deus. O jogo começou às 2 e meia prefixas. A estas horas já os nossos jogadores estavam a tirar fotografias. O jogo vai começar os jogadores estão alinhados dum e doutro lado. Os nossos alinharam: Zé Eduardo, Inácio e Lisboa I. Zé Brio, Leiria e Carlos, Ernesto, Zé Maria, Alfredo, Bucha e Lisboa II. Com uma saída dos visitantes o jogo principiou: uma nossa avançada obrigou a linha média do grupo de casa a recuar, uma nova avançada de Bucha que passa alguns jogadores adversários. Só aos vinte e cinco minutos de jogo é que nós metemos a primeira bola, por intermédio de Bucha, passados alguns minutos surge a 2.ª bola dos visitantes por intermédio de Zé Brio, O jogo continua animado entre a nossa avançada e a linha defensiva contrária, e novo golo nosso, metido por Bucha.

(E como não posso dizer mais, se não enchia as páginas do «Famoso», digo quais foram os autores dos golos). Lisboa II marcou a 4.ª bola dos Gaiatos de Coimbra, e Alfredo marcou a 5.ª e última bola dos Gaiatos de Coimbra, e assim terminou a 1.ª parte em que nós venciamos por 5-0—No segundo tempo a nossa linha avançada descaiu e os visitados poseram-se ao ataque e marcaram a 1.ª bola por intermédio do extremo esquerdo que estava em (obeçaide), mas o arbitro não viu. Passados minutos os Gaiatos de Miranda marcaram 2.ª bola por intermédio do médio atacante, e por fim surgiu o 3.º golo do grupo de Miranda por intermédio do beque, que nesta altura anda no ataque, houve bastantes jogados com bastante interesse, mas sem resultado e assim terminou o jogo com a nossa vitória por 5-3.

E mais nma vez digo aos nossos estimados dos leitores, que estamos ainda «invencíveis».

Ernesto Pinto

Ve-se aqui o punho, o sabor, a grandeza, a devoção: «deser uma miça». Oh confusão! O que não presta a mostrar quanto vale! E do Porto, para iniciar a recolha da procissão porque já estou farto e cansado de andar na rua. Ora tenha um bocadinho de paciência, senhor Ramirez; paciência. A paciência é um dom do Espírito Santo. Com ela, estamos ganhando o bem de muitos. Veja os Condenados da Colonia Penal de Alcoentre. Se a procissão tivesse já recolhido, não teriam eles oportunidade. Quem sabe, se atrás destes condenados em tribunal, não virão outros expiar interiormente e voluntariamente... O Mundo está cheio de crimes e de criminosos, meu senhor. Deixe-se ir na procissão. Que venham outros e outros e outros expiar—amando!

Ora vamos a contas:

Antes . . .	276900\$00
Hoje . . .	5600\$00
	282500\$00

Quando chegarmos ós 300 só faltam 200.

= POBRES =

(Continuação da 1.ª pág.)

encher-me de vida e de gozo espiritual.

Dois passos à frente, era a porta do sobrado. Há um leito e nele a doente que eu procurava. Há uma cadeira, mas esta encontrase embrulhadinha num pano de chita, suspensa da trave, e só vem abaixo uma vez por ano; na visita pascal. Também descia agora para mim, mas a doente não podia ir por ela. Uma só cadeira, estimada, para receber a visita pascal; oh riqueza sublime, quem te merece! Ao pé, estava uma caixa. Sentei-me. O dia era para a romaria. Ela abre conversa. São palavras fecundas.

Os santos, não sabem dizer melhor. A simplicidade, não dá fé das alturas. Eu deixei falar, deixei falar, deixei falar.

Voltei à cozinha fechar o cancelo, encostei a porta do sobrado, de mansinho, como fazem as mães quando os filhos dormem,—e dirigi-me a outra casa.

Os caminhos são cheios de lama, pela neve derretida, mas esta lama não suja ninguém. Há regatos pelos campos. O céu é azul. O sol tem mão no frio.

Na soleira, estava quem eu queria ver. Tinha um terço na mão e rezava. *E' por si!* Acredito. Ai de mim se não fossem os Pobres; a Caridade dos Pobres! Sentei-me na mesma soleira e conversámos, conversámos, conversámos. O sol tinha mão no frio. A lareira era a um canto do sobrado; uma pedra, aonde se ferve o caldo. Ao pé, um leito e mais nada. Tudo como a casa de onde vinha, menos a roca e fuso.

Despeço-me ao som do *quando é que torna*. Mais uns minutos, e eis-me em contacto com novas riquezas. Outra moradia. Também encontrei a doente sózinha. Não é que os seus lhe não queiram bem. Querem. Mas têm de girar. Entro devagarinho e oiço gemidos. Vêm de uma alcova, no sobrado. Mais gemidos. Apareci. Há uma cadeira. Uma cómoda. Um cristo num santuário. Um lampeão de folheta, é ali testemunha de noites dolorosas. A doente o diz: *quando vem a noite e se fecha a porta...* Quis saber das injeções. Se alguém lhe aplica a injeção que tira a dor. Que sim. Vai ali todos os dias uma rapariga por amor de Deus. Já o sabia, mas quis ouvir da boca da doente. *E' alívio falar do alívio: ela vem cá por amor de Deus.* A conversa continua. O assunto, é um himalaia; um cancro! *Eu fico muito fresquinha depois da injeção.* Ninguém é capaz de exprimir uma sensação de alívio com tamanha propriedade—*fico muito fresquinha.*

Estavam sendo horas de me retirar. Começo a dar as derradeiras palavras. Açúcar não havia: *Eles querem dezasseis mil reis e não fazem menos que um quilo.* *Eles, é o turbilhão.* O mundo que engana e que se engana: *querem dezasseis mil reis.*

Não havia, mas agora há. Foi lá o Norberto com dois quilos dele; do Brasil; do brasileiro. Que ele goze ao sabe-lo. Será assim mais doce o que usar no seu café.

Começo a dar as últimas palavras sim, mas a derradeira foi dela: *uma camisinha.* Alto. Não chores. Ela já tem. Tem duas que o Fafca lhe foi levar, feitas das peças de flanela, que o Porto nos dá.

Agora é mais longe. São três

Isto é a Obra da Rua



Herlander Alberto de Freitas—passou para o 3.º ano de Direito da Faculdade de Coimbra, depois de ter frequentado o 2.º Ciclo da Escola de Oficiais Milicianos em Mafra de Novembro de 1948 a Fevereiro de 1949.

Autor do Relatório enviado ao Ministério da Justiça e também deste, mais sintético, para o nosso arquivo. O Herlander foi pupilo do Reformatório de Caxias.

Movimento populacional

O livro do registo dá-nos os seguintes números: durante o ano de 1949 deram entrada no Lar os seguintes Rapazes: 2 da Tutoria de Coimbra, 2 do Reformatório de S. Fiel, 2 da Colónia de Vila Fernando.

Sairam, no mesmo ano, 8, todos colocados e que passaram a bastar-se a si próprios.

Foi expulso 1.

Em 31 de Dezembro existiam 27 Rapazes.

Receitas e despesas

A receita total foi de 199.692\$50, proveniente das jornas e ordenados dos Rapazes, do subsídio mensal do Ministério da Justiça e da alimentação cozinhada aos rapazes em regime de semi-internato do refúgio da Tutoria de Coimbra.

Aproveitamento moral e espiritual

Pelo Assistente moral do Lar, Rev.º Padre Manuel Gonçalves, os ex-Pupilos tiveram, aos domingos, palestras sobre pontos elucidativos da vida prática, isto é, sobre a maneira mais concludente de resolver os problemas que se deparam à sua solução.

Procurou-se esclarecer e embelezar o espírito com leituras. No ano de 1949 foram, assim, lidos os seguintes livros: «O Matrimónio católico», «Tu e Ela» e «O Mandamento difícil».

A desobriga colectiva, teve naquele ano, invulgar esplendor. Sobre este acontecimento, foram dadas pormenorizadas notícias no jornal «O Gaiato» N.º 137, de 28 de Maio de 1949.

Aproveitamento escolar

O ano lectivo de 1948-49 foi pródigo em aprovações, quer na instrução primária, nos cursos comercial e industrial nocturnos e no curso superior de Direito.

A este assunto se referiu largamente o «O Gaiato» N.º 143 de 20 de Agosto.

quartos d'hora por caminhos pedregosos. O sol vai já estendendo sombras e é preciso adiantar.

Não é casa; é uma barraca de tábuas. Estão ambos de cama. Ele há muitos anos. Ela caiu agora.

Mais teologia. Mais saber. Mais lições.—E mais condenação para os que têm oportunidades e não querem aproveitar. Os pecados de omissão, também são matéria do tribunal de contas.

Aproveitamento profissional

O ex-Pupilo deve dominar-se a si próprio e impor-se uma regra de conduta e honestidade profissional de maneira e merecer a estima dos superiores e a evitar-nos uma assiduidade constante junto dos patrões e pedir-lhes «protecção» e benevolência as faltas dos seus empregados.

Todavia, para que a acção do Lar possa ser perfeita e completa junto de cada Rapaz em particular, julgou-se conveniente possuir algumas informações prestadas pelos estabelecimentos profissionais acerca de um ou outro ex-pupilo. Isto, simplesmente, para melhor poder levar o empregado—trabalhador ao discernimento necessário na escolha do caminho que lhe seja mais favorável às suas aptidões de trabalho.

Regra geral, apraz salientar que todos têm cumprido regularmente dentro das suas possibilidades, chegando a haver casos de inteira confiança dos patrões nas responsabilidades dos ex-pupilos.

Continua, no entanto, a dar-se o lamentável caso de alguns patrões não remunerarem proporcionalmente o trabalho de alguns Rapazes, pois sabem que a estes, dentro do Lar, nada lhes falta.

Problemas pendentes

a) Em virtude das diligências determinadas pelo artigo 9.º das Constituições do Lar, não foi possível admitir na Comunidade, ainda durante o ano de 1949, mais 4 Rapazes. No entanto, a sua admissão ficou assegurada para Janeiro de 1950.

b) O angustioso, e cada vez mais premente, problema de habitação, continua a cortar cerce as legítimas aspirações dos ex-Pupilos em condições de contrair matrimónio.

A falta de casas com renda acessível, torna difficilíssima a saída do Lar comum para o Lar particular, e os Rapazes vão-se deixando ficar na comunidade, à espera de melhores dias, quanto a este problema.

Só a preconização de bairros económicos adequados seria uma válvula de escape e resolveria a situação daqueles que, tendo noiva e documentos preparados, aguardam apenas o seu ninho. E nestas condições estão, presentemente, cinco.

c) Outro problema de habitação, mas este agora respeitante à Comunidade do Lar, é o que faz face à actual casa, sita na Rua da Trindade, n.º 18.

Mais mês e menos ano, está prevista a retirada forçada das acruais instalações, visto o plano das Obras da Cidade Universitária abranger a área onde o prédio se encontra.

Não é tarefa fácil encontrar outra casa que substitua aquela, cuja conservação, em abono da verdade, é muito precária. No entanto, dadas as suas amplas salas, vem servindo satisfatoriamente.

Para o bom desempenho das suas funções altamente sociais, o Lar carece de uma casa feita de raís e destinada *ab-initio* aos relevantes serviços que tem prestado à causa dos Rapazes saídos dos Reformatórios e das Tutorias sem amparo, sem condições de vida e, o que é mais flagrante e aflitivo, sem um ideal fixo que os estimule e os prenda à vida recta e honesta.

Assim terminamos.

Seria injustiça da nossa parte não mencionar aqui, neste lugar, a esta hora e publicamente, o nome do nosso querido Amigo Rev.º Padre Mauuel Gonçalves.

Nas horas de desânimo, a ele lhe

As Contas do Tojal

O Pai Américo ordenou que apresentasse as contas do ano de 1949; e elas cá vão, embora me fizessem andar uns poucos de dias linha abaixo, linha acima; vira prá qui, vira prá li!... Para mais chegou agora um pequenito que não me larga: Entrou há dias para debaixo das nossas telhas. Tem dois anos de idade e andava por Lisboa mais dois irmãos a bater de porta em porta, sem terem ninguém a olhar por eles. A mãe morreu e o pai encontra-se num hospital.

Houve uma senhora que, tendo compaixão dos inocentes, procurou e conseguiu meter os dois no Albergue da Mitra e o mais novo, porque ninguém o queria, veio para junto de nós.

O pior bocado de tempo para ele, é o das refeições, pois quando vê a sua tejelita em cima da mesa da cozinha, começa logo a chorar. Não estava acostumado a comer assim, sopas de leite, por isso passa as refeições a chorar.

Aqui há dias, estávamos no refatório e ele aparece, depois de ter comido na cozinha. Eu pego nele e ponho-o ao colo, dou-lhe um pedacito de miolo, e ele muito ligeiro, passa-o pelo meu prato, rapando umas gotas de azeite que estavam no fundo dele e mete-o na boquita; era assim que ele se alimentava por lá!—não admira, porque na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, também um de 3 anos, quando chegou, não queria comer, e assim que os rapazes saíram, ele ia por cima das mesas à procura dos sobejos de pão, molhando-o em água e comia-o, pois era assim que ele comia em sua casa; talvez nunca tivesse comido uma comida feita ao lume!...

Foi também na dita Casa de Miranda que se criou um bebé que contava apenas 7 meses e hoje conta 9 anos! Este nosso do Tojal também lá ha-de chegar; e o mais interessante é que, ambos se chamam Rui...

Ora como ia a dizer, o miúdo vem aqui muitas vezes para eu lhe pegar ao colo, mas contudo parece-me que as contas estão certinhas, são estas:

Obras	571.629\$60
Alimentação	191.625\$00
Total	763.254\$60

O Sr. Padre Adriano pediu 1.000 contos, e apenas chegou o que veêm. A conclusão que daqui se tira é: ficaram-nos a dever 236.754\$40, e foi por isso que as obras pararam.

Com estes 571.629\$60 fizemos muitas reparações no palácio; fez-se o Casal Agrícola até ao 1.º andar, que sem falta tem que ficar pronto este ano, para podermos meter mais 40 rapazes; está a concluir-se a padaria que tem 5 divisões; a garagem e casa da lenha estão no fim; fizemos dentro da quinta 3 estradas. Também este ano se concluiu a escola nova, que está já a funcionar; fizemos as novas instalações para enfermaria, que felizmente não tem sido precisa. Só agora é que chegou um pequeno das Caldas da Rainha que a foi ocupar por vir doente dos pulmões. Repararam-se os pombais e muitos muros; começamos também com as novas oficinas etc, etc; tudo isto com os 571.629\$60.

Vamos a ver se então este ano chegamos aos 1.000 contos.

O crónista—PEDRO JOÃO DE SA

devemos o incitamento para a frente, numa ânsia de mais e melhor.

Pela sua presença e pela sua palavra amiga e generosa—prestamos-lhe homenagem com o nosso vivo agradecimento. Obrigada.

H. F.

ISTO É A CASA DO GAIATO

QUANTAS vezes o Risonho; o Manuel Risonho. Foi distintivos. Roubaram-lhe os distintivos e ao queixar-se, ele pôs o dedo no ladrão. Este confessou imediatamente e já restituiu.



QUASE todos os domingos temos aqui desafios de bola; são clubes de toda a parte que vêm jogar com os nossos, no nosso campo. É costume colocar-se um rapaz à porta principal a receber as entradas, para o que dá a cada um o seu bilhete. No domingo passado, Avelino designou o Guilhufe. O Guilhufe é dotado de uma forte personalidade. Assim o mostrou na hora em que veio cá ter. Foi à noitinha. Guilhufe vinha só. Fala de cara levantada. Não choraminga. Pedem-me para eu tomar conta dele, que a madrastra não o quer. Não tenho quem me remende; olhe. E mostrava os farrapos que o cobriam.

Guilhufe é da carpintaria, aonde trabalham mais seis. Barulho que se levanta, não faz minga perguntar; anda lá o Guilhufe.

Pois este rapaz recebeu do Avelino ordens e um maço de bilhetes; e por sua conta e risco, foi buscar um fueiro de dois palmos acima dele. Quando eu cheguei à porta, estava o Guilhufe, estava um maço de bilhetes, estava muita gente fora e do lado de dentro estava o fueiro. Eu quis saber e precisamente como a dois anos, o rapaz explica, de cara levantada e uns grandes olhos fitos nos meus: *é que há por aí uns certos malcreados que querem fazer pouco da gente por sermos pequenos...*

E continua a cortar bilhetes e a receber dinheiro dos bem educados.



EU fui ontem ao Lado do Porto. O Amadeu Elvas, mal me viu, toma-me por um braço, puxa-me a distância e começa a desfiar-me uma grande trapalhada, que ontem lhe acontecera. A trapalhada é palavra sua.

Foi num jantar. Ele é funcionário, e o pessoal do escritório aonde trabalha, juntou-se não sei aonde, em um jantar de confraternização. O rapaz começa por me falar de iguarias exquisitas, de que ele não sabia o nome, nem como explicar: *era uma sopa encarnada*. E o Amadeu Elvas, muito cingido a mim e com os olhos no chão, passou da sopa encarnada a outros pratos, e mais pratos, até que chegou aos copos. Neste sítio, Amadeu Elvas abraça-me mais

efusivamente, como se lhe tivesse acontecido uma grande desgraça, e inclina a cabeça. Fez uma pausa. Eu esperava naturalmente pelo relato das coisas e apressei. *Eu enganei-me nos copos...*

Espera-se que o Amadeu Elvas não se torne a enganar e sobretudo espera-se que dispensem, por ora, destas confraternizações, rapazes da idade dele.



AQUI há uns meses largos, encontrava-me eu em certa vila, aonde uma mulher do povo me procura e fala de um rapazito que andava por lá. Era uma mulher de chinélas nos pés, saia redonda, lenço na cabeça e nova. Fala com muita simplicidade, muito zelo, muita convicção. A cara lavada com água e sabão, mostra a beleza natural de uma mulher bem feita.

Conta a história do rapaz em duas penadas. Em tudo e por tudo ela via nele aquilo que se não vê: a alma. Não se sabe quem é o pai e a sua mãe, que fora mulher de muitos, tinha morrido há dois meses, abandonada. *Esteve três dias morta e foi por ela a Misericórdia.*

Ao dar-me conhecimento deste caso, a mulher faz uma pausa, esconde os olhos e diz-me baixinho; *eu também podia ser assim, se Deus me abandonasse.*

Alto, disse eu comigo mesmo; os santos falam assim. E naquele dia, naquela terra, tendo dito a muitos que não, a esta disse que sim.

O rapaz veio e daí por três dias fugiu. Eu vi-o ir. Pedi-lhe que ficasse e ele disse-me que não. Mas ele há maneira de prender rapazes sem grades nem muros. Há sim senhor. E eu assim fiz. Entrei na Capela da aldeia e falei alto: Senhor do Céu, é impossível que o acto de humildade daquela mulher de chinélas, não tenha em si mesmo a eficácia de fazer com que o fugitivo regresse. E falei mais e mais e mais, cada vez mais alto. No fim de nove semanas, por uma tarde de sol, o fugitivo regressa! Lição: nunca se chama por Deus em vão.



ESTE caso, por ser mais um andor da Tipografia, tinha lugar na procissão. Tinha sim; mas como ela já vai muito extensa, eu deixo-o ir neste lugar. É o Zé da Lenha. O Zé da Lenha a pedalar a "Minérva" pequena. Eu já sabia dos seus progressos. Já

um seu colega me tinha informado, na sua giria impecável: *o Zé da Lenha está a dar bestial na "Minérva."* Já sabia, mas nunca tinha visto. Vi hoje. É verdade. O rapaz já despacha.

Zé da Lenha, tem ainda outra virtude, que muito enriquece o conjunto da nossa oficina; quando a máquina grande trabalha e ele está a receber o serviço, canta em voz alta *o chiquita bacana*, de contente. É simplesmente admirável! O som da máquina grande, o som das duas "Minérvas" e som encantador, do encantador rapaz. Ele é uma figura do nosso orfeon. É da segunda voz. A canção *chiquita bacana*, foi uma das muitas coisas que o Zé Eduardo trouxe do Brasil.

Mas ele há algo que mais encanta na oficina; eu ia a dizer que mais seduz. É a estampa do Sagrado Coração de Jesus, encaixilhada e suspensa na parede. Aqui como sempre e em toda a parte, a imagem, tal como a Pessoa, é sedutora. No afan dos trabalhos, eu paro no meio da oficina e olho e oiço: *foi a mim mesmo. É a mim mesmo. A fome. Os trabalhos. Os perigos. A nudez. De tudo me livras-te, e hoje me agasalhas a mim mesmo!* E isto é verdade. Isto é mesmo a verdade que está construindo esta obra dia a dia e que a livra necessariamente e absolutamente dos males do mundo. Quem assim não compreende, não compreende nada.



EU já tive ocasião de dizer aos senhores, que o Avelino tem um professor especial que vem aqui todos os dias, por uma hora, ensinar-lhe sintaxe. Já que não há tempo para mais, eu fico muito contente que o Avelino saiba falar e escrever a sua própria língua. Não é muito difícil encontrar-se em qualquer parte um senhor muito bem encadernado e vai-se a ver e ele não sabe falar. E escrever isso então é que é! Ora como o Avelino gosta de andar muito bem encadernado e eu também gosto, bom é que a letra diga com a carreta. Eis a razão por que ele está estudando a fundo gramática portuguesa.

Até aqui bem vai, mas o pior é agora. Quando o correio chega e as cartas são muitas, Avelino desata a catar nelas erros de ortografia e também de caligrafia, e vamos mostrar; olhe. E até a mim, no que escrevo e mando para a tipografia, ele também cata! Mais. Ontem deu-me aqui uma lição de prefixos, sufixos e infixos, para me levar a compreender que certa palavra que eu havia escrito

com um s se escreve com um z. Muito bem. Eu acho muito bem. Temos agora esperanças de melhorar o Jornal no que toca a erros de gramática, que até aqui, como os senhores têm notado e me fazem notar a mim, eram muitos deles.

Se Avelino perde tempo em dar lições, ganha o jornal com elas. Viva o Avelino.



ONTEM consolei-me de servir a merenda com as minhas mãos aos Batatas. Eles têm um púcaro de nascáu com leite àquela hora, e de manhã têm um púcaro de leite sem nascáu. Leite. Leite é o alimento da criança.

Aqui há tempos, estive entre nós um grupo de médicos da Suécia acompanhados por colegas portugueses. A saída de um museu, estavam os seus automóveis rodeados de garotada. Garotos da rua. Isto foi em Lisboa. Os médicos da Suécia olham, apalparam, interessam-se e perguntam, qual a razão de leite que têm estas crianças? Grande bota teve para descalçar o médico interrogado, e não a descalçou.

Leite. A nossa política aqui em casa é o leite. Andamos actualmente ocupados com uma instalação para doze vacas e já temos cinco delas a dar leite. Daqui a pouco podem vir à Casa do Gaiato os médicos da Suécia e não precisam de perguntar o que em Lisboa quiseram saber. Vendo eles os nossos rapazes, nada mais têm senão afirmar.

Afirmar: estes têm a sua razão de leite.



APRESENTOU-SE aqui um rapaz que já antes cá estivera, e ao-depois resolveu fugir. Andou por lá. Como não tem família, encontrou outros da sua laia e foram todos parar a um calaboiço. Talvez por ali se ter lembrado dos dias que passou connosco, o rapaz toma uma resolução. Que fez ele? Que fez ele dentro do calaboiço? Fez uma boa acção. Encosta o cátre à parede, toma nas mãos um jarro de esmalte, pica e faz cair a cal do teto; com o bico do mesmo, desprega o tabique com as mãos, fura para o telhado, de lá salta para a rua, de onde avança os quilómetros precisos até chegar aqui!! Apenas entrado na aldeia, vem direitinho a mim e pergunta se eu o conheço. Isto foi no princípio da semana. Marcou-se-lhe obrigação e deu-se-lhe

três dias para ele pensar se sim ou não a queria aceitar. Vem a quinta feira e o rapaz declara varonilmente que sim senhor. Que gosta da obrigação, mas que só começa a trabalhar na segunda feira!! E começou a trabalhar realmente na segunda feira. Já lá vão muitas segundas feiras e o pequeno meliante continua firme no seu propósito de trabalhar. Gosto de rapazes assim. Parece-me que temos aqui um homem.



TENHO ainda a alma quente do que ouvi ao Zé de Arouca e é com este calor que escrevo.

Ele conta-me audácias e exitos nos escritórios da União Fabril: de um senhor bom que manda lá tudo. De outros 50 senhores que lhe compram outros tantos jornais e que também são bons.

E depois vem o porteiro. O porteiro não queria deixar; não lhe dava licença de entrar.

Deixe-me entrar que eu at dentro só sujo o sítio aonde ponho os pés.

Juro à fé de quem sou que estas são as próprias palavras que neste instante colhi, dos lábios do Zé de Arouca.

Acredito que ele as dissesse. Suponho que por amor delas o porteiro escancarou. E sei que por amor deste adorável rapaz, todos os empregados hão-de ver agora nele a figura de Jesus Infante, e cada um amar mais. Amar mais o próximo.

Amar mais a vida. E amar mais o Zé d'Arouca, que parec andar a vender e anda, antes, a dar.

Ali na cidade do Porto, ao serviço de um desalmado, este pequenino mártir era obrigado a trabalhos acima das suas forças...

Fazia noites e madrugadas a chamar os bois. *Ele era o lampiãozinho do carro*, ouvi eu aqui na aldeia, da boca de uns visitantes que choravam de o verem hoje feliz.

Eu tenho pena de morrer.

Eu gostaria de chorar eternamente estas crianças e fazer que o mundo as chore!

Eu só sujo o lugar onde ponho os pés. Tremenda lição para mim e para os mais!



ORisonho acaba de me informar que agora vende muitos jornais *numa caixa muito grande ao pé da rua do Rosário*, de onde trouxe dezenas de encomendas de cartões, para a nossa Tipografia.

Uma caixa muito grande, sim.

Ele quer dizer um edificio grande ao serviço de uma Caixa de Providência.